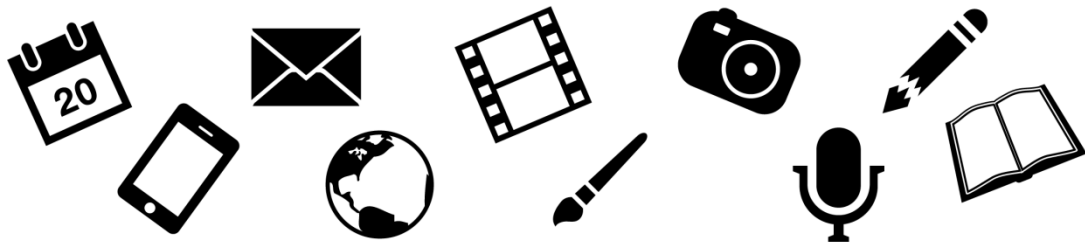




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

03 e 04 de setembro de 2016

“Por que Florianópolis saiu às ruas”

Por que Florianópolis saiu às ruas / UFSC / Protestos / Impeachment / Dilma Rousseff / Michel Temer / Florianópolis / Jacques Mick / Departamento de Sociologia e Ciência Política / Universidade Federal de Santa Catarina / Movimento Passe Livre / André Portela / Aécio Neves / Polícia Militar / Largo da Alfândega / Rua Crispim Mira / Avenida Mauro Ramos / Avenida Hercílio Luz / Praça XV de Novembro / Rua Felipe Schmidt / Terminal de Integração do Centro / TICEN

Por que Florianópolis saiu às ruas

ENTRE AS CIDADES com manifestações contrárias ao novo governo, capital se destaca pelas ações observadas. Especialistas apontam o perfil dos manifestantes e a conectividade da cidade como um dos fatores que a diferenciam de outros locais

FELIPE LENHART
felipe.lenhart@diario.catarinense.com.br

As se confiar nas estimativas de público divulgadas pelos organizadores dos protestos de quarta-feira contra o impeachment de Dilma Rousseff e a posse de Michel Temer, Florianópolis foi a capital que, proporcionalmente ao número de habitantes, registrou a maior concentração de manifestantes nas ruas. Segundo lideranças da passeata convocada pela internet tão logo o impedimento da ex-presidente foi confirmado no Senado, 7 mil pessoas participaram do ato – um para cada 68,25 habitantes. Segundo a PM, que, ao contrário das corporações de outros Estados, se manifestou a respeito, foram 600.

Neste ranking elaborado a partir das informações dos organizadores – nem a Brigada Militar, no Rio Grande do Sul, nem as polícias de São Paulo e Rio de Janeiro divulgaram estimativas –, a segunda capital que mais registrou manifestantes na quarta-feira foi Porto Alegre (RS), em que um em cada 74,05 habitantes foi à rua protestar.

De acordo com Jacques Mick, professor do departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o protagonismo de Florianópolis nesse momento pode ter explicação no perfil do manifestante, em geral jovem universitário e sem ligações estreitas com partidos ou movimentos sociais tradicionais da esquerda brasileira. Para o professor, conta também o fato de Florianópolis ser uma cidade com alto índice de conectividade à internet móvel e um público universitário muito expressivo.

Isso mostra a capacidade de organização desse pessoal que se mobiliza em rede. Perceba que Florianópolis tem se destacado pela formação de coletivos de oposição ao governo, como o Ocupa Mine, e eles, enquanto conjunto de coletivos, têm de certa forma liderado esses movimentos. Eles se mobilizam em rede e se organizam de maneira descentralizada, bem diferente do que sempre aconteceu nos anos 80 e 90 – pondera.

O histórico de mobilizações em Florianópolis por parte do público estudantil também reforça a hipótese de que esteja na juventude dos manifestantes o combustível para atos de protesto e resistência ao que, do olhar dos coletivos, precisa ser combatido nas ruas.

Em outros momentos esse protagonismo já deu as caras,



como na eclosão do Movimento Passe Livre, na primeira década dos anos 2000. Parece que a conjuntura atual está reavivando essa faceta da juventude e o espírito do “Amanhã vai ser maior”, bordão da “Revolta da Carrea” que começou em Florianópolis e se espalhou para outras cidades do Brasil.

O economista e professor de Relações Internacionais da UFSC André Portela chama a atenção para o fato de que SC tem um eleitorado que, nas últimas eleições presidenciais, consagrou Aécio Neves (PSDB) nas urnas e, no geral, está mais à direita no espectro ideológico.

Há aqui um grupo mais hegemônico, tradicional, que tem grande influência no eleitorado. Basta lembrar que as manifestações do “Fora, Dilma” foram enormes, tanto em Florianópolis como em outras cidades. E aí em momentos como este aparece essa disparidade: um “Fora, Temer” de peso em um Estado que votou majoritariamente na oposição à Dilma. A conferir se dessa juventude não sairão lideranças renovadas da esquerda, algo de que Santa Catarina é carente.

OS PROTESTOS PELO PAÍS

Na última quarta-feira, capitais tiveram protestos. Os números são dos organizadores, já que a PM fez estimativa apenas em Florianópolis, de 600 participantes. Veja a relação entre manifestantes e habitantes nestas cidades:

FLORIANÓPOLIS

Manifestantes: 7 MIL
População: 477.798
Relação: 1 manifestante a cada 68,2 habitantes

PORTO ALEGRE

Manifestantes: 20 MIL
População: 1.489.019*
Relação: 1 manifestante a cada 74,05 habitantes

RIO DE JANEIRO

Manifestantes: 5 MIL
População: 6.498.837*
Relação: 1 manifestante a cada 1.29 mil habitantes

SÃO PAULO

Manifestantes: 10 MIL
População: 12.058.175*
Relação: 1 manifestante a cada 1,2 mil habitantes

* Estimativa populacional do IBGE em 2016

Manifestação ocupou as ruas do Centro na noite de sexta-feira. Houve confronto entre manifestantes e policiais militares, quebra de vidros em agências bancárias e lojas e lixeiras queimadas

Depredações, bombas de efeito moral e gás de pimenta

Florianópolis teve uma noite de confronto durante protesto que começou pacífico, mas terminou com lixeiras queimadas, agências bancárias depredadas e bombas e gás de pimenta jogados pela Polícia Militar contra os manifestantes. O ato, foi organizado pelas redes sociais e reuniu movimentos sociais e militantes contrários ao governo Temer. Os organizadores estimaram 12 mil pessoas nas ruas. A PM não divulgou cálculo de público.

O protesto começou às 18h no Largo da Alfândega. A confusão ocorreu a partir das 20h45min, na esquina da Rua Crispim Mira, quando a PM tentou impedir que o grupo chegasse à Avenida Mauro Ramos. A Cavalaria

entrou em ação, o choque jogou bombas de efeito moral, e os manifestantes atiraram pedras contra a polícia, que revidou com mais bombas e gás de pimenta.

A Avenida Hercílio Luz ficou tomada de barricadas com lixeiras em chamas, e o choque avançou contra os manifestantes. Houve novo confronto e agências bancárias nos arredores da Praça XV de Novembro e da Rua Felipe Schmidt foram depredadas. Às 21h50min, todo o grupo estava concentrado no Terminal de Integração do Centro (Ticen). Com reforços acionados, a PM ocupou os dois lados da Avenida Paulo Fontes e aos poucos a multidão foi dispersando.

Diário Catarinense
Notícias
"Até quando SC aguenta"

Até quando SC aguenta / UFSC / Finanças do estado / Antonio Gavazzoni / Santa Catarina / Raimundo Colombo / Crise econômica / INPC / PIB / Dirceu Dresch / Sindaspi / Daniel Nunes das Neves / Lei de Responsabilidade Fiscal / LRF / Brasil / Dívida / ICMS / IPVA / Univali / Flávio Ramos / Eduardo Guerini

ATÉ QUANDO SC AGUENTA

UM DESABAFO DO secretário da Fazenda Antonio Gavazzoni em artigo publicado no Diário Catarinense na última semana expôs a situação das finanças de Santa Catarina diante do pleito de reajuste salarial de servidores públicos do Estado. Para o governador Raimundo Colombo, um aumento nas despesas é uma irresponsabilidade. Especialistas defendem uma reavaliação das dívidas e afirmam que SC minimizou os efeitos da crise que atinge o país

ANDERSON SILVA
anderson.silva@diariocatarinense

Aliada à crise econômica, a inchada folha de pagamento do governo de Santa Catarina começa a expor um problema difícil de ser solucionado. O desafio é como fechar a conta entre as reposições e aumentos de salário e a capacidade da máquina pública de absorver esses valores sem que os impactos sejam sentidos a médio e longo prazo. As soluções apontadas pelos dois lados das negociações, fontes ouvidas pela reportagem e especialistas, entretanto, vão além das negociações salariais. Passam principalmente por uma reorganização da previdência e das contas públicas, além dos famigerados cortes internos. Caso contrário, a conta não ficará apenas restrita aos envolvidos nas discussões salariais, mas também será mais alta para a "maioria silenciosa", como definiu o secretário estadual da Fazenda, Antonio Gavazzoni, em artigo publicado no Diário Catarinense na última quarta-feira.

O Estado enfrenta atualmente oito rodadas de negociação com servidores de diferentes órgãos e autarquias. Para todas a oferta é única: zero, nenhum aumento ou reposição. A determinação vem de uma resolução do Grupo Gestor do governo de abril deste ano, que prevê a rejeição de novos aumentos até o final de 2016. Enquanto os trabalhadores cobram a realocação ao menos de 9,83% do INPC e ameaçam greves, o governo desabafo e critica sindicatos, que segundo ele forçam um gasto impossível de ser feito. A queda na arrecadação é o principal argumento do Executivo, somada à redução de 5,2% do PIB nos últimos 12 meses. Em agosto, a receita caiu 0,51% em relação a julho e 1,14% em comparação com o mesmo período do ano passado. O Estado alega que a folha de pagamento subiu 100,9% entre 2011 e 2015, contra 40,57% do INPC no mesmo período.

O grande temor dos governistas é chegar ao nível do Rio Grande do Sul, onde salários são parcelados e

serviços básicos ficaram afetados. Gavazzoni diz que a solução passa diretamente por conter despesa, "sobretudo a folha de pagamento".

DEPUTADO ESINDICATO PEDEM REVISÃO DAS RENÚNCIAS FISCAIS

O deputado estadual Dirceu Dresch (PT), que faz oposição ao governo na Assembleia Legislativa, pondera que as categorias com salários menores não podem ser prejudicadas. Ele afirma que a folha precisa ser discutida, mas questiona o aumento de teto salarial do Estado em 2013. Assim, segundo ele, servidores que não pagaram a previdência e chegam a postos mais altos esperam chegar ao valor máximo para pouco tempo depois se aposentar.

– Tem que pensar. Isso é um saco sem fundo. O servidor não pode ser tratado como vilão, principalmente o que ganha menos.

Dresch aponta dois fatores a serem resolvidos para amenizar a situação: os incentivos fiscais, que seriam de R\$ 5,1 bilhões em Santa Catarina, e as dívidas de impostos das empresas com o Estado.

– O Estado não tem controle se esse setor beneficiado pelo incentivo fiscal se recuperou. Tem que ter uma reavaliação – cobra o parlamentar.

Na mesma linha segue o diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas e Órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural, Pesquisa e Planejamento Agropecuário e Defesa Sanitária Animal e Vegetal de Santa Catarina (Sindaspi), Daniel Nunes das Neves, que responde por cinco categorias que atualmente discutem reposição salarial.

– A renúncia fiscal que esse governo está fazendo para a iniciativa privada é astronômica. Chega a ser um quarto da arrecadação.

O presidente do Sindaspi ainda critica os argumentos do Estado de que não há recursos para pagar a reposição aos servidores. Afirma que levantamentos do sindicato apontam para a manutenção do limite da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) mesmo com os aumentos para as categorias neste ano.

"As pessoas culpam o Estado de tudo"

ENTREVISTA

RAIMUNDO COLOMBO
Governador de Santa Catarina

Em artigo publicado no último 31 de agosto, o secretário da Fazenda, Antonio Gavazzoni, fez um desabafo sobre o dilema de ter que repor salários diante de um cenário complicado nas contas do Estado. Na sua opinião, qual o caninho para o futuro? Como equilibrar as contas para atender reposições e investir em Santa Catarina?

Neste momento estamos com queda de arrecadação muito acentuada. A receita é negativa em relação ao ano passado, sem contar a inflação. Estamos perdendo 10% ao ano. Aumentar as despesas é uma irresponsabilidade. Nós estamos conseguindo manter um equilíbrio fiscal, e as nossas contas com os servidores totalmente regularizadas exatamente porque temos responsabilidade fiscal. Isso muda quando a receita voltar a crescer. Eu acredito, sinceramente, que isso irá ocorrer no ano que vem, mas em 2016 não tenho nenhuma expectativa. Por isso, a posição correta é ser responsável. E é exatamente essa a nossa decisão. Santa Catarina é hoje um dos Estados mais equilibrados do Brasil. Nós conseguimos vitórias importantes

como a renegociação da dívida, que fez com que a gente conseguisse ultrapassar tudo isso sem aumentar impostos, porque quem paga o imposto é o cidadão. Quando você aumenta o ICMS sobre a gasolina, quem paga é a pessoa que abastece o carro. Não é o posto. Quando você aumenta o ICMS sobre a energia elétrica, é a residência, a indústria quem paga. O mesmo vale para o ICMS sobre a telefonia. Tem outro detalhe. Santa Catarina tem um dos menores IPVA do país, 2% do valor do veículo. Graças a não termos aumentado os impostos, o Estado está conseguindo atrair indústrias que a médio prazo vão dinamizar a nossa economia. Essa é a estratégia. Ser competitivo, ter um custo operacional mais baixo e atrair empresas e investimentos para gerar empregos e ampliar a geração de riquezas.

O que o Estado vem fazendo internamente para reduzir a estrutura e diminuir gastos? As concessões à iniciativa privada são uma opção?

O Estado tem feito, desde 2012, uma redução de despesa importante. E isso é uma coisa fundamental para que o governo tenha conseguido manter esse equilíbrio obtido até agora. As concessões à iniciativa privada, por exemplo, de rodovias estaduais, precisam estar integradas com o plano federal, e nós estamos discutindo isso, mas são coisas a médio e longo prazo. Acho que concessões sempre devem ser avaliadas, mas não pode ser feita uma coisa irresponsável porque hoje os ativos do Estado estão desvalorizados pela própria realidade. Então, você vai vender muito mais baixo do que vale. É uma coisa de estado, que deve ser avaliada, mas o momento é difícil para fazer.

O cenário econômico para 2017 se desenha ainda complicado. Quando prevê que ocorrerá uma melhoria nas contas públicas?

2017 é um ano ainda imprevisível. Os indicadores mostram que a economia vai crescer, pouco, mas vai. Vai haver ingresso de capital estrangeiro no país. É um capital especulativo porque a taxa de juros do Brasil é muito alta. Nenhum outro país remunera como o Brasil está remunerando. O que nós precisamos fazer é buscar eficiência, aumentar a nossa competitividade para retomar de forma permanente. Por isso, as reformas estruturais em nível federal terão de ser feitas. A reforma da previdência terá que ser feita e ter impacto imediato. É preciso regularizar o direito de greve e fazer a reforma trabalhista, sem prejuízos para os trabalhadores. E a reforma política, porque esse modelo está podre. São ações que nós temos que alcançar ainda em 2016, realizá-las, para que tenham efeitos em 2017. Nós estamos prevendo um ano difícil para as contas públicas.

O secretário Gavazzoni cita a "maioria silenciosa", que não aparece enquanto as categorias discutem reposições, mas acaba afetada pelas decisões do Estado. Em se tratando de gastos públicos, o que essa maioria pode fazer para contribuir com o futuro do Estado?

Essa questão de maioria silenciosa eu já me acostumei, porque as pessoas culpam o Estado de tudo, o agente público é o culpado de tudo. Essa mesma maioria silenciosa não nos defende quando o Estado toma uma posição que contraria essas corporações. É importante que a sociedade acorde. O Brasil não precisa de um líder. Precisa de muitos líderes, em todos os lugares, agindo com responsabilidade. Mas esse nível de consciência da sociedade melhorou muito. É visível tudo o que está acontecendo no Brasil, há de forma clara uma mobilização intensa da sociedade. Isso nos permite movimentos que façam as mudanças que eu entendo necessárias.

Que modelo os futuros gestores vão precisar adotar?

O modelo público do Brasil, do Estado brasileiro, está muito maior do que a sociedade consegue sustentar. A riqueza que é gerada no país não é compatível e essa situação se agrava pelo nosso modelo previdenciário, pela questão do aumento do custo da máquina pública. Nós enchemos de órgãos de controle, órgãos de fiscalização. É o detalhamento da Constituição de 1988 que gerou isso. A demanda é tão grande que esses órgãos acabaram ficando também sobrecarregados e, com isso, ineficientes. Então, a gente vai ter que abordar essa questão. Esse é o grande debate para o futuro. O que as pessoas querem é resultados.

A CONTA QUE NÃO FECHA?

Especialistas recomendam uma reavaliação das dívidas

Mudanças no regime fiscal são apontadas como fundamentais para o equilíbrio das contas, não somente em Santa Catarina, mas também nos outros Estados brasileiros. A avaliação é feita pelo doutor em Sociologia Política pela UFSC e professor da Univali Flávio Ramos. Segundo ele, há um consenso de que, diante do momento de crise que o país atravessa, faz-se necessário um aperfeiçoamento da economia política das unidades da federação. Além disso, o professor defende a reavaliação e a renegociação das dívidas, como foi a disputa liderada por Santa Catarina no caso das dívidas dos Estados.

— Os déficits fiscais se elevam a cada ano, a dívida pública aumenta consideravelmente e forma-se um *gap* entre receitas, gastos e investimentos. Esforços para equilibrar tal equação pas-

sam necessariamente por uma renegociação das dívidas e por um repensar dos mecanismos institucionais que envolvam o regime fiscal dos Estados — defende Ramos.

O mestre em Sociologia Política pela UFSC Eduardo Guerini critica a forma com que o governo de Santa Catarina tratou a crise econômica. Segundo ele, os gestores minimizaram os impactos que o abalo pelo qual passa o país poderia trazer ao Estado:

— O governo e seus gestores optaram por uma gestão de tesouraria, quando deveriam realizar uma gestão fiscal efetiva. Neste contexto, a contração de arrecadação com elevação de gastos com folha e elevado endividamento, fruto de uma taxa de juros abusiva praticada pelo Banco Central e agentes financeiros, corrói a saúde financeira, impedindo a realização de investimentos.



Na última quarta-feira, 31 de agosto, o secretário da Fazenda do Estado, Antonio Gavazzoni, publicou artigo dizendo "É exaustivo gerenciar a absoluta falta de recursos". O desabafo do secretário repercutiu pelo Estado e em redes sociais.



Em frente à Udesc, em Florianópolis, faixas pedem reajuste salarial.

Veja os órgãos que pleiteiam reajuste junto ao Estado:

UDESC
CIASC
EPAGRI
CIDASC
CEASA
SANTUR
SINDSAÚDE
DEFENSORIA PÚBLICA
CODESC

O que pedem: a maioria reivindica reajuste do INPC de 2015/2016 no valor de 9,83%. Alguns órgãos também discutem cláusulas próprias e vale-alimentação.

O que o Estado oferece: zero

As discussões salariais estão indo parar na Justiça, que decidirá sobre o dissídio.

Diário Catarinense Nós

"Política, substantivo feminino"

Política, substantivo feminino / UFSC / Vote consciente / Movimentos feministas / Impeachment / Dilma Rousseff / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Miriam Grossi / Brasil / Cotas / Representação feminina / Síria / Iraque / Afeganistão / Marcha das Vadias / Estados Unidos / França / Cuba / Uruguai / Lei das Doulas / LGBT / Lei Maria da Penha / Blumenau / Brasília / Plano Nacional de Educação / Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana / Manoella Back / Michel Temer / ONU / Portal Catarinas / Florianópolis / Clarissa Peixoto / Dayana Pinto / Janaine Rambow / Arquivos Feministas /

MULHERES ENGAJADAS EM movimentos feministas avaliam os avanços e as falhas na luta para aumentar a representatividade delas na vida pública – e quais os próximos passos após o impeachment de Dilma Rousseff

FERNANDA VOLKERLING
ESPECIAL

Se todos os políticos hoje em exercício no Brasil fossem reunidos em um mesmo local, contando apenas aqueles eleitos pelo voto popular, daria para ocupar quase toda a arquibancada do estádio do Maracanã, o maior do país. Mas, nessa convenção hipotética, as mulheres conseguiriam preencher no máximo algumas das primeiras fileiras – ou seria mais adequado, simbolicamente, dizer *das últimas*?

A analogia remete a um cenário comumente associado ao universo masculino porque a política no Brasil também é assim. Das mais de 64 mil vagas preenchidas pelas eleições de 2012 e 2014, em vigor atualmente, apenas 8,5 mil são ocupadas por mulheres – cerca de 13%. O número é discrepante em relação à composição do eleitorado nacional: 52% de mulheres e 48% de homens. Mas esses são apenas os primeiros e mais elementares de uma série de dados estatísticos que ecoam por todo o território nacional, da esfera municipal à federal, e que a cada dois anos, após os registros das candidaturas, voltam a desfilarem no noticiário, quase sempre descolados de questões fundamentais: por que de fato isso ocorre? E mais: como ficam representadas as pautas feministas nesse contexto ainda dominado pelos homens?

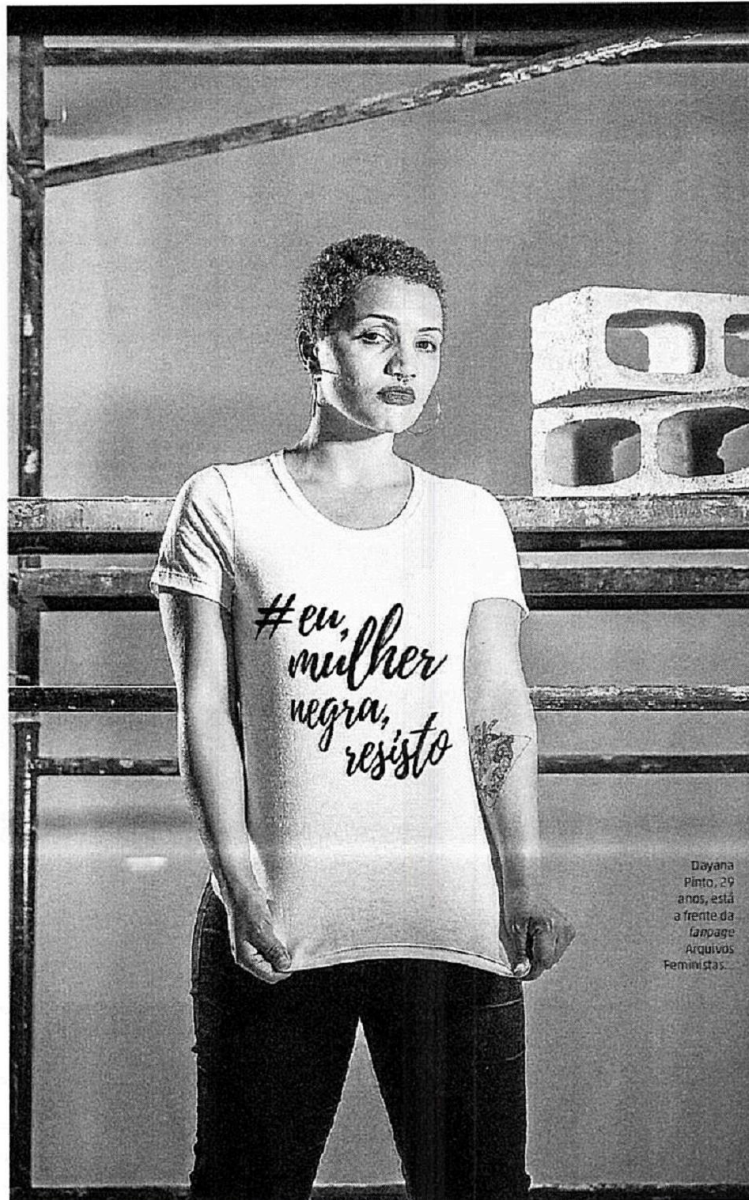
Na semana em que foi confirmado o impeachment da primeira presidente eleita – e reeleita – do Brasil, a discussão vem bem a calhar. As respostas para essas indagações são muito mais complexas e estruturais do que simplesmente relegar a baixa representatividade feminina ao desinteresse das mulheres pela política. É preciso remontar mesmo à história do regime democrático e à construção dos sistemas políticos, que desde a base vêm perpetuando a segregação da mulher na vida pública.

A partir do final do século 18, o Ocidente vivencia a construção das repúblicas modernas, modelo que se consolida e domina todo o século 19. Nesta sociedade, estabelece-se a separação radical das esferas pública e privada, ficando a mulher restrita a esta última, dedicada ao lar e aos filhos, enquanto o homem se constrói como figura social pública.

Desde o princípio, então, as mulheres são proibidas de participar, a começar pelo voto, que no Brasil só foi conquistado por elas em 1932. A participação das mulheres na política é hoje uma questão global, e o Brasil é monitorado pela ONU. Ou seja, o fato de termos candidatas, ainda que poucas, não é por bondade dos partidos, mas porque existem leis e cobranças internacionais nesse sentido – esclarece a professora do Departamento de Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, Miriam Grossi.

No Brasil, há 20 anos existe a lei que estabelece cotas para mulheres nas listas de candidaturas. No caso do Legislativo municipal, a proporção deve obedecer a um mínimo de 30% de candidatas. Apesar disso, a porcentagem das eleitas se mantém praticamente a mesma desde então, entre 10% e 15%. No Congresso, composto pelo Senado e pela Câmara dos Deputados, o índice de representação feminina é inferior ao de países do Oriente Médio como Síria, Iraque e Afeganistão.

POLÍTICA, SUBSTA



Dayana Pinto, 29 anos, está a frente da *langage* Arquivos Feministas...

ANTIVO FEMININO



... que criou em 2015 com a companheira Jenaine Ramo, 29, com denúncias, desabafos e orientações para mais de 240 mil seguidoras.

Isso mostra que a questão ultrapassa, e muito, a simples lacuna de candidaturas. A passagem de Dilma Rousseff pela presidência do Brasil exibiu os dois lados da moeda: por um lado, abriu uma via até então inédita para que mais mulheres, e de maneira cada vez mais engajada, ingressem na política, tanto pelos canais que foram abertos quanto pelo fator de inspiração e potência inaugural que se criou. Por outro, escancarou-se o Brasil da discriminação de gênero, especialmente na forma de ataques sistemáticos dirigidos muito mais à sua condição de mulher do que de presidente, comportamento que se intensificou com o desencadeamento da crise política em 2015.

— A questão da presença das mulheres na política é simbolicamente muito importante. Dilma teve grande impacto na forma de as mulheres se colocarem na política, levando muitas a se candidatar e a ter o projeto de ocupar cargos políticos — complementa a professora.

Uma das principais bandeiras feministas na atualidade, e que ainda caminha a passos lentos no país, é pelo direito de tomar decisões sobre o próprio corpo, incluindo o livre exercício da sexualidade e da reprodução. São emblemáticas a Marcha das Vadias, a luta pelo combate à cultura do estupro e as mobilizações pela saúde da mulher, incluindo o clamor por políticas públicas voltadas a esse aspecto.

Um dos pontos mais delicados dessa discussão é o aborto, hoje considerado crime no Brasil, exceto em casos de estupro — diferentemente do que ocorre em países como Estados Unidos, França, Cuba e Uruguai, onde a interrupção da gravidez é permitida independentemente da motivação. A impressão é que, por aqui, ainda levará bastante tempo — e custará muito esforço — para que o tema deixe de ser tabu. Especialmente entre a opinião pública, que, bem ou mal, se reflete na composição do Legislativo e do Executivo.

No ala das conquistas, em janeiro deste ano, Santa Catarina se tornou o primeiro Estado a aprovar a Lei das Doulas, que agora busca respaldo em nível municipal. Essa lei estabelece que os hospitais públicos e privados são obrigados a autorizar a permanência das profissionais (doulas) que atuam na promoção do conforto da mulher, tanto físico quanto emocional nas salas de parto, o que do ponto de vista ideológico simboliza um avanço no sentido de rever o discurso médico hegemônico e a forma como as mulheres são tratadas nas maternidades.

— Tivemos que trabalhar muito para aprovar essa lei, de autoria de uma deputada. Foi aí que comeci a me envolver e a entender como se faz política, como se dão as negociações. Foi difícil negociar com os deputados. A gente vai falar de violência contra a mulher, violência de gênero, e muitos não sabem do que estamos falando. Para mim, pessoalmente, foi um aprendizado sobre o quanto a gente precisa se engajar e participar, estar sempre próximas e buscando espaços — relata a doula e educadora perinatal Virginia Vianna, que atua em Florianópolis.

Por essa via, ao mesmo tempo em que o embaraço da discussão emperra o avanço das pautas feministas na política institucional, são esses impasses que muitas vezes despertam a consciência, o engajamento e o tal interesse por parte das mulheres em ingressar na política. É o que revela uma candidata a vereadora da Capital — cujo nome será omitido em função da campanha eleitoral.

— Costumo dizer que é preciso termos mais mulheres na política para garantirmos mais políticas para mulheres, porque para mim é óbvio: nossos direitos devem ser delineados levando em consideração nossas vozes. E a presença das mulheres na política coloca em jogo a distribuição do poder, o *status quo* masculino. A presença das mulheres na política redesenha a própria política e, consequentemente, a dinâmica social — defende.

UM SILÊNCIO QUE FALA ALTO

Tão logo assumiu a presidência interina, tornada definitiva na quarta-feira, uma das primeiras medidas de Michel Temer foi fazer modificações nos ministérios. Enxugou o número de pastas e alterou os chefes de algumas delas. No país e na imprensa internacional, choveram críticas ao fato de que, do dia para a noite, as mulheres foram afastadas e o Brasil voltou a ter um ministério totalmente masculino, o que não ocorria desde 1979. Já há poucas semanas, o ministro da Saúde afirmou que os homens trabalham mais do que as mulheres e, por isso, vão menos ao médico.

Esses são apenas dois acontecimentos recentes que colocam o Brasil em posição constrangedora quanto à igualdade entre os gêneros. A diferença salarial, aliás, também persiste: de acordo com dados da ONU de março deste ano, brasileiras podem ganhar até 25% menos que brasileiros. Além disso, a presença de mulheres em cargos públicos nem sempre é garantia de representatividade, já que em muitos casos a forma de se fazer política não muda. O Portal Catarinas surgiu em Florianópolis do interesse e da necessidade de um grupo de amigas de criar um espaço para dar visibilidade a conteúdos relacionados especialmente a gênero e feminismo. O projeto foi financiado de forma colaborativa e hoje se tornou também uma associação que se propõe a atuar como coletivo.

— Acho que há um grande esforço, uma grande luta interna das mulheres que participam de partidos hoje. Se isso reflete exatamente a atuação de outras formas de movimento, não consigo afirmar. Mas acho bem importante defender que a participação dessas mulheres possibilita o avanço em direção a outras situações. Se nem sequer tivermos mulheres na política, como vamos ter políticas públicas para as mulheres? — questiona a jornalista Clarissa Peixoto, do coletivo Catarinas, que também trabalha na coleta e no cruzamento de dados estatísticos sobre a participação das mulheres no quadro catarinense.

Assim como o coletivo Catarinas, outros grupos se articulam na rede. A mineira Dayana Pinto, 27 anos, e a catarinense Janaine Rambow, 29, se conheceram em grupos online de militância. As duas companheiras estão à frente do Arquivos Feministas, com informações sobre o tema no Facebook. Criada em 2015, a *fanpage* já reúne mais de 240 mil seguidores. Além de dar publicidade a alguns temas, o espaço recebe denúncias e desabafos e orienta mulheres que buscam apoio.

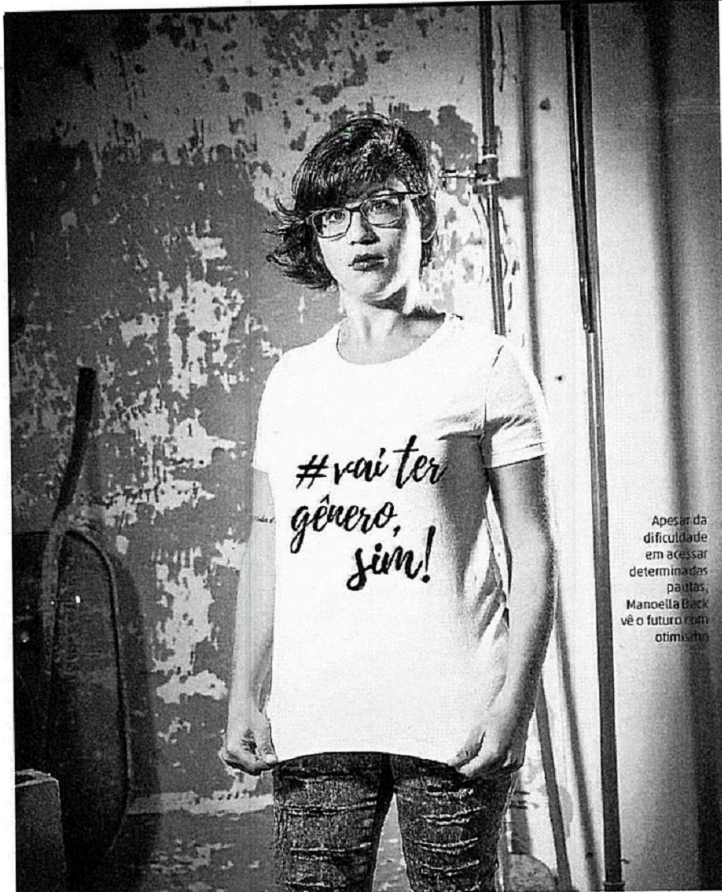
— Há várias meninas que vêm relatar casos de estupro, de assédio. Uma vez, uma garota de 13 anos pediu ajuda porque estava grávida do padastro e a mãe dela não acreditou. Orientamos a buscar ajuda de um adulto que ela confiasse e então fazer a denúncia na polícia — conta Janaine.

Sobre política, as duas afirmam que não há um único partido — ou candidatura — que represente o movimento feminista no Brasil.

— Há diferentes vertentes e cada uma vota de acordo com o próprio pensamento. No movimento feminista, há a luta das negras, por exemplo, que são mais oprimidas dentro de um grupo que já sofre discriminação. Nem todas as mulheres eleitas são comprometidas com as causas, mas é importante garantir representatividade — diz Dayana.

Se as 105 milhões de brasileiras não estão representadas de forma proporcional no Congresso, nas câmaras e nas prefeituras, o barulho se dá pela ausência. A cada eleição, há a oportunidade de ocupar novos espaços. E ainda que essa batalha seja de avanços e retrocessos, não pode ser abandonada. Na semana em que a primeira mulher eleita presidente da República sofreu impeachment, cabe guardar as palavras dela: "Abrimos um caminho de mão única em direção à igualdade de gênero. Nada nos fará recuar".

NCS



Apesar da dificuldade em acessar determinadas pautas, Manoella Back vê o futuro com otimismo

DOIS GÊNEROS, DUAS MEDIDAS

O mundo se divide majoritariamente entre masculino e feminino. O sexo biológico ainda é o principal fator que define se o recém-nascido se constitui como menino ou menina. Azul para eles, rosa para elas. Carrinho para eles, boneca para elas. O mundo para eles, a casa para elas. Guardadas as devidas nuances, isso está tão enraizado na sociedade que, para muitas pessoas, é difícil conceber uma outra forma de pensar. E, talvez por isso, a discussão ainda encontre pouco respaldo nas instituições políticas tradicionais.

Para os movimentos feministas de forma geral, as consequências desse modelo vão muito além da perpetuação de estereótipos: culminam na violência, no abuso, na cultura do estupro e na segregação, reafirmando valores arcaicos que incidem não apenas sobre a mulher, mas também sobre toda a causa LGBT. A parte as conquistas no campo específico da violência, com as delegacias da mulher e a já consolidada Lei Maria da Penha, a chamada ideologia de gênero busca fazer um novo furo nesse castelo tão bem montado promovendo recursos para uma consciência social que leve em conta a identificação manifestada pelo indivíduo com este ou aquele gênero, ou mesmo com nenhum.

Em Santa Catarina, o tema tem sido frequentemente rechaçado entre prefeitos e vereadores, que

em parte das cidades vêm optando por vetar ou excluir a temática no âmbito da educação municipal. Em Blumenau, onde em julho de 2015 a Câmara decidiu não apenas excluir, mas proibir o uso da terminologia de gênero do Plano Municipal de Educação e materiais afins — ecoando decisão de Brasília sobre o Plano Nacional de Educação —, o Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana vem atuando intensamente na discussão da questão.

Em campanha lançada na última terça-feira, o grupo afirma que "ao vedar o debate sobre o tema, os representantes locais ignoram a existência dessas pautas e, portanto, ocultam desigualdades escolares. A escola, como uma das principais instituições de socialização das crianças, permanece num campo heteronormativo, agressivo e opressor que reforça estigmas carregados por mulheres". Para a integrante Manoella Back, o fato tem grande ressonância na baixa representatividade feminina na política.

— As coisas estão interligadas. A mulher é historicamente menos inserida nos processos de decisão. O mundo para os homens é apresentado muito antes, e nisso também entra a política. Em decorrência disso, existe uma dificuldade maior de se acessar determinadas pautas. Mas a minha opinião é que isso tende a mudar, minha visão para o futuro é otimista — ressalta ela.

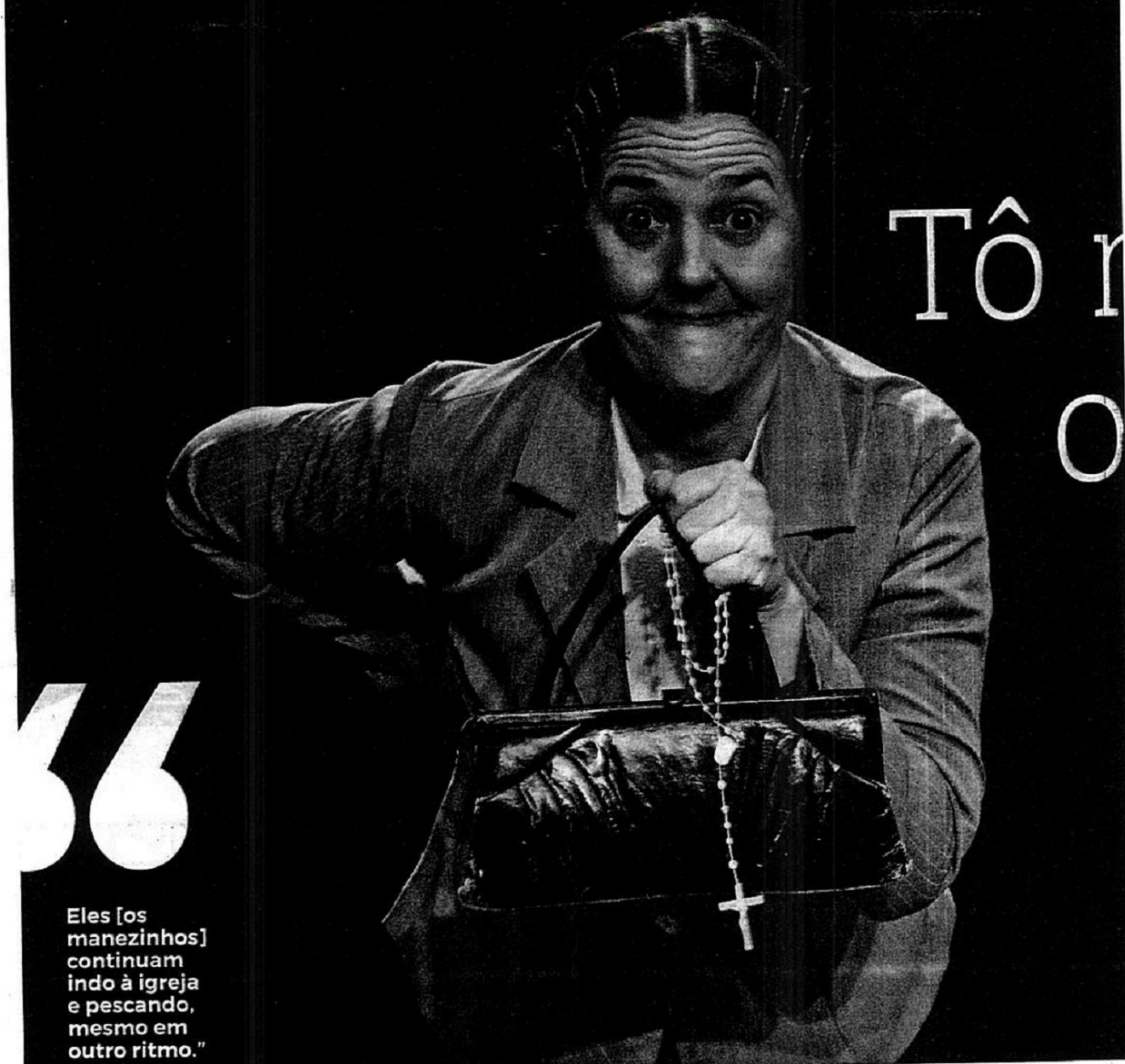
Notícias do Dia

Revista Plural

"Tô mostrando os córno na neta"

Tô mostrando os córno na neta / Dona Bilica / Vanderléia Will / Barra da lagoa / Pântano do Sul / Açoriano / Ilhéu / Florianópolis / Circo de Dona Bilica / Morro das Pedras / Manezinho / Trindade / Teatro / Lagoa do Peri / Santo Amaro da Imperatriz / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / DAC / Carmen Fossari / Alfred Jarry / Comédia / Curso de Artes Cênicas / Udesc / Universidade do Estado de Santa Catarina / Pesquisa Teatro novo / O inglês fidalgo / Grupo Atormenta / Projeto Manezinhos de Passagem / Renato Turnes / Prêmio Cinemateca Catarinense / Gardi Hutter / Leo Bassi / Luiz Carlos Vasconcelos / Laura Herts / Hilsry Chaplain / Geraldo Cunha / Andrea Padilha / Darci / De Malas Prontas / Pé de Vento Teatro / Lili Cúrcio / Milena Moraes / Pepe Nuñez





“

Eles [os manezinhos] continuam indo à igreja e pescando, mesmo em outro ritmo.”

VANDERLÉIA WILL

Confira o vídeo com a Dona Bilica em NDOline



Quem poderia fazer os austríacos, geralmente circunspectos, dançarem a ratoeira, manifestação introduzida no Sul do Brasil pelos imigrantes açorianos, numa tarde fria de Viena? Se você cravou que a **façanha** foi obra de Dona Bilica, a mais autêntica intérprete da cultura original dos colonizadores do litoral, acertou em cheio. Era mais um entre os tantos festivais dos quais a atriz Vanderléia Will participou, levando a espévitada manezinha para o outro lado do Atlântico. Criada a partir de tipos e hábitos em extinção, esta figura impagável está completando 25 anos e nem de longe esgotou seu repertório de temas e falas que fazem rir o mais sisudo dos espectadores e transeuntes que cruzam seu caminho.

Embora a atriz tenha feito outros papéis, Vanderléia e Bilica se confundem, no imaginário de muitos ilhéus, como se fossem uma só pessoa. A primeira

sempre foi engraçada, era a palhaça da turma, e não teve dificuldades para criar seu alter ego, a partir de pesquisas e entrevistas com homens e mulheres acima dos 80 anos, na Barra da Lagoa e no Pântano do Sul, especialmente. Esse trabalho ainda não parou: a atriz continua ouvindo os manés com razoável frequência, já que as mudanças no modo de vida local nunca foram tão ostensivas. Contudo, nem o crescimento de Florianópolis, nem a perda de referências importantes da cultura foram capazes de apagar todas as lembranças e a fidelidade às práticas herdadas dos ancestrais que aqui chegaram dois séculos e meio atrás. O Circo de Dona Bilica, criado há três anos no Morro das Pedras, é garantia de preservação desse legado.

“Eles [os manezinhos] não mudam”, atesta Vanderléia Will. “Podem ter feito uma casinha melhor, mudado alguma coisa, mas o jeito de pensar, ser e comer é o mesmo. Continuam indo à igreja e pescando, mesmo em

mostrando s corno na neta

**Há 25 anos,
Dona Bilica
brinca com os
modos de viver
e de falar dos
nativos da Ilha**

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasodia.com.br

outro ritmo. Dizem que agora é bom, mas que no passado também era. As lembranças da Ilha de antigamente são muito latentes. Falam da agricultura, das olarias, dos engenhos de farinha e cachaça, do cuidado com os animais, da vida no mar. Citam as temporadas de pesca no Rio Grande do Sul, as plantações de café, da vida rudimentar que as mulheres levavam, criando os filhos praticamente sozinhas. E muitos ainda mantêm sua horta e suas galinhas".

As mulheres que inspiraram Dona Bilica raramente vão ao centro da cidade, porque se perdem sem o mar batendo nos costados do Mercado Público. No entanto, têm na ponta da língua relatos sobre a falta de estradas do passado, os costões perigosos que tinham de atravessar, as carroças puxadas a boi e as distâncias que precisavam vencer. E quando assistem o documentário "Naquele tempo", baseada em seus próprios depoimentos, saem chorando da sala de projeção.



Vanderléia Will dá vida a Bilica, personagem que é uma costura das memórias da infância da atriz, das histórias e costumes ricos que viveu ou ouviu dos nativos

Uma atriz que nasceu para a comédia

Vanderléia Will nasceu na Trindade e até os 18 anos não teve contato com o teatro. Queria fazer engenharia de alimentos, mas foi reprovada nos vestibulares que prestou. Uma tia que morava no Sul da Ilha, onde passava as férias, foi a ponte para as descobertas que resultariam, mais tarde, no perfil de Dona Bilica. A tia a levava junto quando ia lavar roupas na Lagoa do Peri, e o tio fazia o mesmo quando apanhava cana no morro para fazer açúcar. Uma vizinha benzedeira, os almoços de pirão com peixe e a brincadeira do boi de mamão completavam o cenário que faria nascer uma forte identidade de memórias e afetos relacionados ao jeito maneirinho de ser. Seus próprios pais vinham da roça, em Santo Amaro da Imperatriz, local de origem da família.

Um dia, ainda alimentando o sonho de entrar na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), viu um cartaz convocando os interessados para aulas de teatro no Departamento de Assuntos Culturais da Instituição. Inscreveu-se, e durante dois anos e meio estudou com a diretora Carmen Fossari, recebendo noções de interpretação, montagem, cenografia e improvisação. "Fiquei encantada e vi que era isso o que queria", diz hoje. No entanto, ao ensaiar uma leitura dramática de "Ubu Rei", do francês Alfred Jarry, Vanderléia fazia as pessoas rirem. A diretora deu o veredito: ela tinha nascido para a comédia.

Foi aí que resolveu fazer o curso de artes cênicas no Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina), concluído em 1994. Não perdeu o contato com o grupo de Carmen Fossari (Pesquisa Teatro Novo), e com ele viajou para a Paraíba com a peça "O Inglês Fidalgo", de Molière. "Foi quando me decidi definitivamente pelo teatro", conta. Depois, fez parte do grupo Atormenta, formado por alunos da Udesc, viajou, esteve em festivais e deu início à carreira solo, apresentando-se em empresas, escolas e sindicatos. Foi esse verdadeiro laboratório que definiu sua linguagem como atriz.

SEGUIE



Dona Bilica no palco do circo que leva seu nome, casa de espetáculos e primeira escola de formação de palhaços do Sul do país. Ela foi longe

Para rir e formar palhaços

Dona Bilica surgiu em 1991, mas só estourou três anos depois, quando a mídia passou a reconhecer o valor da personagem. Sem internet, as páginas de jornais eram o caminho mais curto para difundir o trabalho. Com o projeto *Marizinhos de Passagem*, Bilica passou a fazer esquetes nos ônibus, representando uma mistura de rendeira, benzedeira, lavadeira e dona de casa, mas falando também dos pescadores, dos colonos do interior da Ilha e de elementos do imaginário como o lobisomem, as bruxas e o boitatá. Falava e fala da dor nas cadeiras, do "quenturão nas pernas", do "ataque de nervo", das consequências do "pregresso", das raparigas que não conseguem desenclhar. Tudo isso sem ridicularizar os nativos, que fornecem a matéria-prima do seu ofício.

A personagem, assim como a intérprete, se adaptou ao crescimento desordenado da cidade, fazendo a atriz evoluir e Bilica incorporar novas sutilezas que realimentam o prazer de subir aos palcos. A pesquisa com os nativos é cíclica, e dali nasceu o documentário "Naquele Tempo", dirigido por Renato Turnes, que recebeu o Prêmio Cinemateca Catarinense em 2014, com uma Bilica encorpada, despachada, crítica quando lhe convém. Isso abriu portas, rendeu prêmios e permitiu, pelas características da personagem, ir do circo do Morro das Pedras a um teatro paulista sem qualquer embaraço. Ou a Viena, no festival que reuniu os melhores palhaços do mundo.

Depois de fazer cursos de palhaçaria com mestres como a suíça Gardi Hutter, o italiano Leo Bassi, o brasileiro Luiz Carlos Vasconcelos e as americanas Laura Herts e Hilary Chaplain, e de atuar ao lado de parceiros como Geraldo Cunha, Andrea Padilha e o humorista Darci, Vanderléia Will mantém em cartaz a premiada *De Malas Prontas*, da companhia *Pé de Vento Teatro*, revezando com Lili Cúrcio e Milena Moraes. A peça não tem diálogos e, por isso, pode ser apresentada em qualquer lugar. "O espetáculo ajudou muito Bilica a ganhar segurança", diz ela.

Casada com o espanhol Pepe Nuñez, também palhaço, ela mantém o Circo da Bilica, centro cultural alternativo e independente que tem uma ampla programação de espetáculos, estreias e festivais, um espaço para exposições e o restaurante Don Pepe, especializado nas culinárias espanhola e portuguesa. O auditório tem 225 lugares e é um dos mais bem equipados da região. Além das oficinas de circo, ali também funciona a primeira escola de palhaços do Sul do Brasil, com alunos de diferentes Estados do país.

UM DEDO DE PROSA

Então, Bilica, como é que vão as coisas?

Bilica – Ô quirido, as coisa tão indo bem, né. Semana passada eu tava pra morrê. Fui pará no hospital, bati aquelas chapa toda, tu acredita que o dotô me disse: "Tu não tem nada, nega, é só um ataque de nervo"? Quase que eu fui nos córno delê! Deu vento sul, aí virou tudo, me deu azia e aquele quenturão nas perna. Não me curei disso, mas agora tô bem.

E como está a vizinhança no Morro das Pedras?

Olha, tem a Neca, a filha da Bento do Tubúrcio, atrás da venda do Zica. Ela tá acamada lá no Celsó Ramos, não tá muito bem, tamém. De vez em quando vou lá dá uma olhada. Faço umas rendinha pra ela, faço as minha, tô nessa vida, né, quirido.

No Sul da Ilha também tem correria, os carros passando, barulho, poeira...

Tá um pirigo, é o pregresso, dizem. De primero, a gente não tinha nada disso, não tinha estrada, não tinha carro, não tinha prédio, não tinha luji. Passa uma caçamba, tem que se cuidar. Mas eu gosto, porque a gente anda de ombush de graça, de vez em vez eu vô lá na freguesia, lá no mercado comprá meus peixinho. A vida de hoje é diferente dos tempo de antigamente, né, quirido.

E esses rapazes que não largam o celular, você consegue falar com eles?

É a tal da Neta, né? Esses dia a minha mais pequena me disse: "Mãe, tu tem que botá os teus córno lá na Neta". Eu disse: "Qué isso, quirida, eu tenho que botá meus córno na Neta?" Aí ela me explicou que é uma baguera que se navega. Já visse? Diz que tu fica navegando, fica lá dentro, e o mundo inteiro vê os teus córno. A outra filha disse: "Mamãe, bota os teus córno lá que tu tem um monte de amigo e fã que qué te vê, falá contigo". E foi dito e feito. Me botaro na Neta.

Você já caiu algum pokémon?

Não, essas coisa eu fiquei com medo. Vai que é um labisame que qué te comer. Vai que tu bota a mão ali e pega um câncer de pele. Já vi gente com celular na mão que é um pirigo, bate com os córno no poste, quebra tudo por aí. É o pregresso, né, quirido. Nos dia de hoje, como é que as pessoa se conversa? Não é mais olhando no olho como nós tamo agora, né? Agora é tudo ali na Neta, e apertá botão, botão, botão, botão, botão. A pessoa que inventou o botão deve tá rica.

E essa mulherada que vai pra academia, que pedala, elas ainda falam contigo?

Deve ser moça enclhada que tá querendo desenclhá e vai ver se consegue um rapaizinho pra ela. Porque nós memo, no nosso tempo, não precisava dessas coisa. Nós tinha que trabalhá, lavá um bom tanque de ropa, lavá a loja, cuidá da casa. Mas hoje o tempo é outro, as máquina faz tudo, máquina de lavá, máquina de varrê...

A Bilica tem medo da violência, dessas coisas que acontecem por aí?

Uma coisa que tenho muito medo é de labisame. É uma cosa medonha. É um homem cabeludo, se tu encosta a mão nele ele fica de três metro de altura e qué te comê. Não só de sair assim sozinha, não só de falá com as pessoa. Mas quando ando sozinha eu fico com os bago do olho arregalado. Bruxa eu já vi, a gente tem que se cuidá, porque bruxa se gera no que ela querê, num cachorro, numa pulga, numa mariposa, num mosquito.

O Brasil tem jeito, Dona Bilica?

O Brasil tem que ter jeito, né, quirido. Se não tiver jeito, nós se arrombemo. Conhecesse meu papai, o seu João, com cara de cachorro? Ele era dono da Barra todinha, todinha, todinha, todinha. Ele sempre dizia: "Nega, tu nunca perde a esperança". Tás entendendo?

Notícias do Dia Luiza Gutierrez "Adriana Füchter"

Adriana Füchter / UFSC / Entrevista / Curso de Administração / Câncer de Mama / Quimioterapia / Lair Leoni Bernardoni / André Sielski / Edmundo Olivares / Clício Barroso / Sidney Saut / Paulo Silva / Recanto Silvestre / Instituto Cairós / Albeneir / Figueirense

12 | NOTÍCIAS DO DIA | FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 3 E 4/9/2016

GENTE



LUIZA GUTIERREZ
luiza.gutierrez@gmail.com
ndonline.com.br/luiza-gutierrez



ENTREVISTA

ADRIANA FÜCHTER

Contadora de histórias com imagens, assim se define a fotógrafa nascida sob o signo de libra, filha de família tradicional catarinense. Da mãe, herdou o gosto pelas artes. Estudou música, dança e artes plásticas. Do pai, veio a paixão pelos negócios e então se formou em administração, pela UFSC. Mas a fotografia é a sua grande paixão e nela revela seu lado doce, guerreiro e suas muitas nuances. GANHOU diversos prêmios na área, já participou de bienais e salões. Suas fotos contam mais que histórias, levantam bandeiras!

A fotografia

Minha maior expressão. Aos onze anos comecei a usar aos poucos a Canon Ae-1 do meu irmão, esta câmera ainda está comigo, penso que de tanto eu usá-la ele ficou sem jeito de me pedir de volta. E assim a fotografia foi tomando mais importância em minha existência. Busco o belo não importa onde ele esteja, mesmo no meio de um desastre, na tragédia ou no caos encontro a beleza em cada clique e registro de imagens.

Inspiração

Movida pela paixão pelas artes, estética e fotografia, retornei as minhas buscas e procurei mais conhecimento. Influenciaram no meu trabalho grandes professores e mestres, entre eles Lair Leoni Bernardoni, André Sielski, Edmundo Olivares (do Chile), Clício Barroso, Sidney Saut, Paulo Silva (da Itália). Acredito que a troca de experiências e informações pode trazer benefícios à criação. Mesmo tendo começado com a fotografia analógica, sinto saudade do granulado, da revelação e do filme, mas me adaptei e gosto muito da fotografia digital.

Projeto pessoal

Estou no momento de reformulação de conceitos e de projetos pessoais, lutando contra um câncer de mama que descobri recentemente, fazendo quimioterapia e buscando a cura. Já tirei seis tumores, continuo com três e com metástase em toda a coluna. Mesmo não fazendo parte de um grupo de risco, sem histórico de câncer na família, com hábitos de vida saudável, a doença estava lá, silenciosa e com suas consequências. Então, pensei ao perder a mama e reconstruí-la, que a missão de amamentar eu já havia cumprido, lidei com isso na base do bom humor (me sentindo um patchwork, remendada com pedaços da minha própria pele). E, quando os cabelos caíram, também encarei com alto astral a minha semelhança com o Gasparzinho, branquinha, careca. De repente parece que tudo tem que ser revisto, uma reconstrução e recriação se faz necessária.

O amor

Fazendo um trabalho voluntário no Recanto Silvestre, Instituto Cairós, conheci meu companheiro, Albeneir (ex-jogador profissional, ídolo do Figueirense), que havia se livrado das drogas e fazia sua parte no voluntariado. Foi um sentimento que despertou e foi ficando intenso, juntos enfrentamos o preconceito (coisa que só descobri que minha família tinha quando começamos o namoro), mas hoje essa fase já passou, ele tem sido uma espécie de anjo da guarda, com quem posso contar em qualquer momento da minha vida.

Sua Paixão

As artes, em toda sua forma de expressão. Gosto da poesia, literatura e pensamentos. Mas são as imagens que me fascinam, uma a uma, elas contam minha história, com elas partilho do belo e terno, o que encontro... O que capta... Quem sabe efêmero... Quem sabe eterno...



RAIO X

Nascida em 11 de outubro de 1967, mãe de Morgana 19 e Desirée, 16.

Fotógrafa e voluntária do Recanto Silvestre, Instituto Cairós.

Casada com Albeneir (ex-jogador do Figueirense).

SAIBA MAIS: <https://www.flickr.com/photos/adrianafuchter/albums/> e <http://adriana.fot.br/>

A Notícia Cidade

“Floripa de todos os povos”

Floripa de todos os povos / Florianópolis / Renan Fischer / Anna King / Daniel Sayer / Kátia Borges / Dona Liquinha / Ribeirão da Ilha / Manezinhos / Ingleses / Canasvieiras / Lagoa da Conceição / Trindade / IBGE / Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / Sotaques / Tradições / Naufragados / Morro da Cruz / Movimento migratório / Gláucia de Oliveira Assis / Francisco Canella / Observatório de Migrações de Santa Catarina / Udesc / Açoriana / Cultura / Troféu manezinho Aldírio Simões / Eli Heidenreich de Souza / Rio Vermelho / Lúcia Pereira / UFSC / Eletrosul / Turismo

9.Cidade

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 3 E 4 DE SETEMBRO DE 2016

EDITORA: MARIJU DE LIMA
mariju.lima@noticiasdodia.com.br



FOTOS: DANIEL CELEBRIZIO

“

**“Perfeito, né?
Parece o paraíso!”**

Renan Fischer, gaúcho



“

**“Foi amor à
primeira vista”**

Anna King e Daniel Sayer, britânicos

FLORIPA DE TODOS OS **POVOS**

Do sotaque manezinho ao castelhano argentino, da renda bordada no bilro à tradição de um mate gaúcho, os costumes, formas de se expressar e de viver se misturam e compõem o mapa de moradores de Florianópolis. O *Notícias do Dia* apresenta um levantamento inédito sobre a origem dos habitantes da cidade por bairros, que comprova que os florianopolitanos agora são a minoria da Capital.



“

**“Me sinto privilegiada
por morar aqui”**

Kátia Borges, florianopolitana



“

**“Não posso deixar
meu Ribeirão”**

Dona Liquinha, florianopolitana



Uma cidade acolhedora

O Ribeirão da Ilha é dos manezinhos. O Barro Ingleses, dos gaúchos. Em Canasvieiras e Lagoa da Conceição, os estrangeiros tomam conta. Na Trindade, os catarinenses de fora da Capital são a maioria. O Continente tem mais moradores catarinenses do que a Ilha.

Com base em microdados do último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de 2010, o *Notícias do Dia* apresenta um levantamento inédito que mostra a origem dos moradores de Florianópolis e comprova o que os 421 mil habitantes de Florianópolis vivem no dia a dia, quando os sotaques e as tradições se misturam: mais da metade dos habitantes não nasceu na cidade.

Os florianopolitanos correspondem a 47,8% da população. A maior parte está na costa leste-sul da Ilha, do Ribeirão até Naufragados, região que concentra a maior população de moradores nascidos na cidade: 64,7%. Em seguida está a região do maciço do morro da Cruz, com 62% declarados manezinhos.

O Continente tem o maior número de moradores nascidos no Estado: dos 91,1 mil moradores, 76% são catarinenses.



“Durante muito tempo, esses migrantes ficaram invisíveis, e isso inviabilizou sua condição de migrantes, pois eram vistos como turistas. Só quando os argentinos, por exemplo, ‘tomaram’ Canasvieiras é que se deu conta de que eles estavam aqui para ficar.”

Gláucia de Oliveira Assis, coordenadora do Observatório de Migrações de Santa Catarina, da Udesc

Manezinhos são a minoria na Capital

No bairro mais manezinho, Eli Heidenreich de Souza, a dona Liquinha, de 85 anos, nasceu, cresceu e quer morrer. Ela faz parte dos 64,7% dos moradores do Ribeirão da Ilha nativos de Florianópolis. Nesse “pedacinho de céu”, como define Dona Liquinha, ela se criou entre as baleieiras e os siris pegos na beira da praia desde a década de 1930.

E foi da casa em que morou por anos à beira da praia que ela viu o pai entrelaçar as mãos habilidosas para fazer e ensinar a construir baleieiras.

A mãe era agente dos Correios e, logo depois, virou parteira. A infância foi marcada pelas brincadeiras à beira da praia, os banhos de mar com grupos de amigos, as festas juninas e do Divino, o Zé Pereira do Carnaval e as rodas de ratoeiro da comunidade. Naquela época não havia morador que ela não conhecesse. Mas, hoje, a realidade é outra.

Apesar de ser o bairro mais manezinho

Na Ilha, onde moram 330 mil pessoas, 67% nasceram em Santa Catarina.

Da Florianópolis provinciana da década de 1960 para a Florianópolis multicultural do século 21, o movimento migratório para a cidade acompanhou também o desenvolvimento socioeconômico e de infraestrutura da Capital. Esse fluxo migratório é pesquisado pelos professores Gláucia de Oliveira Assis e Francisco Canella, do Observatório de Migrações de Santa Catarina, da Udesc.

Os novos moradores de Florianópolis constituíram novos grupos e, como consequência, surgiram conflitos culturais com os moradores locais. A cidade pacata se viu em rápida ebulição e os nativos acabaram encontrando meios de reforçar a cultura ilhoa e açoriana. “Era uma cultura pouco cosmopolita que se tinha em Florianópolis e, com a chegada destas pessoas, há um movimento de fortalecimento dos manezinhos no fim dos anos 1980”, explica Gláucia.

“O que era um termo ofensivo, o mané, passa a ser positivado, e criam-se formas de enaltecer a cultura, como o troféu manezinho Aldir Simões”, comenta o professor Canellas.

Migração em Florianópolis

Estima-se que

160
argentinos

morem em Canasvieiras, 0,88% dos 18 mil moradores da região, maior proporção na cidade.

A região com mais moradores de outras cidades de Santa Catarina é o Saco dos Limões e Trindade Sul, com

31,7%

entre os 18.149 moradores

A região do Ribeirão da Ilha, Tapera e Caleira tem a maior proporção de florianopolitanos, chegando a

64,7%

dos 12.715 moradores

Fonte: microdados do Censo IBGE 2010, agrupados pelas áreas de ponderação definidas pelo instituto



Trabalho, turismo e qualidade de vida

Entre os fatores que ajudam a explicar o fluxo migratório para Florianópolis, segundo os professores Gláucia de Oliveira Assis e Francisco Canella, do Observatório de Migrações de Santa Catarina, da Udesc, estão o processo de litoralização do Estado, a característica de cidade de porte médio da Capital e o turismo.

Em 50 anos, a cidade saltou de cerca de 100 mil habitantes em 1960 para quase 480 mil em 2016.

Dois períodos são bem definidos para o crescimento de migrantes: nas décadas de 1960 e 1970, com a chegada da UFSC, Udesc e Eletrosul, e em 1990, com a divulgação de Florianópolis como cidade turística. Do censo de 2000 para o de 2010, o grupo que mais cresceu na cidade foram os migrantes de outros Estados (66%), seguido dos estrangeiros (41%) e apenas 10% dos catarinenses residindo em Florianópolis.

A cada temporada de verão, os turistas acabaram fixando residência e preferindo o Norte da Ilha, com mais infraestrutura do que o Sul. Entre os nascidos em outros Estados, que somam 123 mil pessoas na Capital, os gaúchos lideram o ranking: são 53 mil moradores, o que representa 12% da população da Capital. Na sequência estão os paranaenses (22 mil) e os paulistas (19 mil).

Entre os habitantes estrangeiros, os argentinos lideram: são cerca de 1.000, principalmente em Canasvieiras. Logo em seguida vêm os uruguaios (878) e os portugueses (292). Apesar de a maioria dos migrantes estrangeiros registrados até 2010 ser da América do Sul, no próximo censo, segundo Gláucia e Francisco, será possível perceber uma nova leva de migrantes que chegou com grande força à cidade: os haitianos.

População de outros países

Argentina
1.043

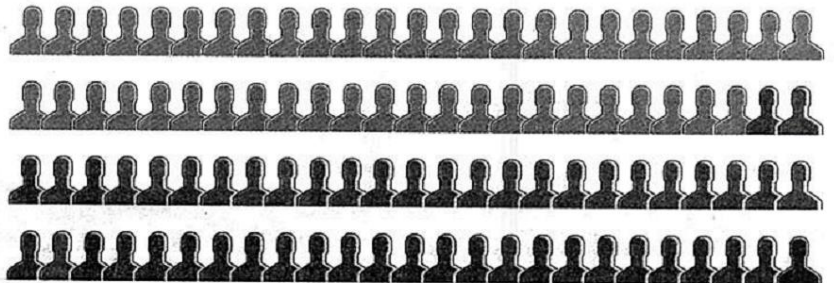
Uruguai
878

Portugal
292

Estados Unidos
280

Alemanha
181

A cada 100 moradores



48
nasceram em
Florianópolis

29
nasceram em
outros Estados

22
nasceram em outras
cidades de SC

1
nasceu em
outro país

Origens por Estados no Brasil



População de outros Estados

Rio Grande do Sul	53.476 (12,73%)
Paraná	22.363 (5,32%)
São Paulo	19.624 (4,67%)
Rio de Janeiro	7.988 (1,90%)
Minas Gerais	3.443 (0,82%)
Bahia	2.872 (0,68%)
Mato Grosso do Sul	1.768 (0,42%)
Distrito Federal	1.205 (0,29%)
Pernambuco	1.118 (0,27%)
Ceará	1.024 (0,24%)

Percentual de moradores nascidos em cada Estado

- Mais de 10%
- Entre 10% e 1%
- Entre 1% e 0,1%
- Menos de 0,1%

Moradores nascidos fora de Florianópolis por áreas



Experiência multimídia

Notícias do Dia



Acesse o conteúdo audiovisual e interativo desta reportagem:

- Mapa com o cruzamento dos dados do IBGE por região da cidade
- Relatos em vídeo de moradores
- Galeria de imagens
- Infográficos e linha histórica das migrações

www.ndonline.com.br

EXPEDIENTE

FELIPE ALVES: Produção e execução. ROGÉRIO MOREIRA JR.: Análise dos dados e mídias. DANIEL QUEIROZ: Produção e edição audiovisual. DIEGO DEYVISON: Design e desenvolvimento. FLÁVIO TIN: Imagens aéreas (Igorcel). MARIU DE LIMA: Planejamento e edição, e MARCELO SANTOS: Revisão.


A Notícia - Artigo "Empresa e universidade"

Empresa e universidade / UFSC / Sayonara Moreira / Instituição Científica e Tecnológica / ICT / Embraco / Universidade Federal de Santa Catarina / Parceria / Inovação

ARTIGO

Empresa e universidade

SAYONARA MOREIRA
Gerente de Relações Institucionais da Embraco



A parceria Instituição Científica e Tecnológica (ICT) e empresa é tema recorrente nas discussões sobre os caminhos para inovar. É evidente o impacto positivo dessa relação que deve sempre pressupor um "ganha-ganha": basta olhar para os rankings anuais de empresas inovadoras, como o que foi divulgado no final de julho pelo jornal Valor Econômico – as companhias que ocupam posições de destaque, em sua maioria, têm esse canal bem sintonizado e atuante, à medida que compreendem os propósitos da aliança para ambas as partes, e os frutos decorrentes.

Como em todas as relações, o amadurecimento proveniente das experiências mútuas é fator que contribui para a evolução das parcerias, até que se tornem tão intrínsecas, tão naturais, que se torne difícil explicá-las em poucas palavras. Não raro, os resultados falam por si. Como fruto de 34 anos de trabalho conjunto de forma ininterrupta, a Embraco e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) têm muitas conquistas a celebrar: são cerca de 160 publicações e mais de 60 teses e dissertações. Todo esse conhecimento se tornou referência global e se transforma, sistematicamente, em competências para o desenvolvimento do acadêmico enquanto profissional, em condições de contribuir diretamente para o desenvolvimento do país.

O amadurecimento proveniente das experiências mútuas é fator que contribui para a evolução das parcerias.

O segredo do sucesso na parceria eficaz entre empresa e academia é simples de verbalizar, mas nem sempre fácil de concretizar: resume-se em transparência no relacionamento. Enxergar as sinergias, os pontos de melhoria e os benefícios e, somando esforços, buscar um ponto de equilíbrio que atenda as duas partes em seus legítimos interesses e demandas. Para a empresa, a universidade é uma fonte inesgotável de conhecimento e também de talentos: como ilustração disso, vale citar novamente o exemplo da Embraco – cerca de 60% dos profissionais atuantes na área de pesquisa e desenvolvimento é egresso da UFSC. E do ponto de vista acadêmico, a indústria materializa as ideias e as transforma em produtos inovadores e que trazem benefícios para a sociedade.

Em síntese, essas parcerias são essenciais e devem ser estimuladas como parte da estratégia de ciência, tecnologia e inovação do Brasil.

Diário Catarinense
Rafael Martini
"Aeroespacial"

Aeroespacial / Curso de Engenharia Aeroespacial / UFSC / Joinville / Marielle de Oliveira / Artigos / 27º Congresso Regional de Iniciação Científica e Tecnológica em Engenharia



Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Graduação de Psicologia"

Graduação de Psicologia / Colação de grau / Formandos / Curso de Psicologia / UFSC / Manifestações partidárias / Fora Temer / É golpe / Discursos inflamados / Críticas / Reitor da universidade



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 03/09/2016

Noite de confronto termina com manifestantes e soldados feridos em SC

Notícias dia 04/09/2016

Vamos falar sobre criatividade com Marcos Piangers?

Confronto termina com manifestantes e soldados feridos em Florianópolis

PM e manifestantes divulgam notas sobre conflito de sexta na capital

Festival Injeção Eletrônica chega a 6ª edição em setembro em Florianópolis

Gabarito do concurso UFSC 2016 para técnicos administrativos é publicado

Noite de confronto termina com manifestantes e soldados feridos em Florianópolis